

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

23-02-2022

SAÚDE MENTAL E TRABALHO: POR ONDE COMEÇAR O DEBATE?

Bruno Chapadeiro

[Professor do PPG em Psicologia da Saúde – UMESP]

O grego Xenofonte, em seu “O econômico”, expõe que os trabalhos manuais degradavam o corpo e, principalmente, o espírito do homem e da mulher. Bendassoli (2009) nos relembraria que o trabalho *em si* não era necessariamente degradante na tradição helênica, mas tornava-se desprovido de valor a partir do momento em que fosse realizado tendo em vista as necessidades de outra pessoa que não as do/da próprio(a) trabalhador(a). A atividade laboral mais nobre a que uma pessoa poderia dedicar sua vida nos idos de Homero era o tempo livre destinado ao pensamento, à filosofia e às responsabilidades com a *pólis*. *Opus* - em contrapartida ao *tripalium* latino significando penosidade e sofrimento - era o termo designado pelos gregos para versar sobre a obra, a marca que se poderia imprimir no mundo e deixá-la como legado. Parafraseando a obra filmica “Gladiador” de Ridley Scott, para os gregos, o verdadeiro trabalho dotado de sentido é aquele no qual “o que se faz na vida, ecoa na eternidade”. Contudo, sob a égide do capital, o trabalho tem se expressado como *trabalho abstrato*, assumindo como significado dominante o fato de ser fonte de extração de mais-valor, criador de valores de troca, fonte de riqueza imprescindível para a acumulação privada de riqueza e para a valorização de capital. Wood (2006) defende a tese, interessante e radical, de que no capitalismo não há democracia - a partir do momento em que uns vendem a força de trabalho e outros a compram -, a qual nos anos 1980 foi guindada a um patamar de “valor universal”. Ou seja, se o trabalho é ponto de partida para a constituição do ser social - categoria central que faz do ser humano o que ele é -, meio para que “exteriorize sua própria necessidade, objetivando sua essência, sua *subjetividade*, sua *individualidade*, externe sua vida, põe a si próprio na forma de objeto” (Antunes, 2018, p.51).

Uma vez alienado - apartado do produto e do processo de seu trabalho - esse ser humano está cindido (*-esquizo*) de si próprio, de sua subjetividade, da saúde de sua mente (*-frenia*); e estranha-se de seus iguais por estes estarem igualmente submetidos à mesma lógica de divisão sicossexual e étnica alienada do trabalho (Chapadeiro, 2020). O diagnóstico da saúde mental no trabalho deve, portanto, passar primeiro pelo entendimento de que a perda desta - expressa no adoecer e morrer da pessoa humana sob a esfera da *universalização do trabalho alienado* no capitalismo - é tão somente a situação-limite do fenômeno da alienação que perpassa a sociedade burguesa. Sociedade doente devido ao desequilíbrio estrutural entre pessoa e natureza provocado pela propriedade privada e a divisão hierárquica do trabalho.

Tal como explicita Marx (2004, p.80), “esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação do trabalhador”. *Deseftivação/desrealização* é a expressão que Marx utiliza para significar “privação de realidade e/ou de efetividade”. É a própria loucura do trabalhador. Faz-se mister enfocar as condições singulares nas quais o trabalho acontece, sem, no entanto, abstrai-las destes processos macrossociais que as determinam. Assim, como assinalam Sato, Coutinho e Bernardo (2017), estudá-las com as lentes do cotidiano - uma esfera de apreensão do real - é dar espaço para a emergência e a expressividade do que é local e singular, sem deixar de reconhecer a participação nesse âmbito das especificidades dos processos macrossociais. O estudo e a intervenção devem ter lentes dirigidas, simultaneamente, ao macro e ao micro; ao singular e ao geral; ao individual e ao coletivo; ao subjetivo e ao objetivo; ao mundo material e ao simbólico.

Nesse sentido, ainda se fazem atuais os pressupostos do Movimento Operário Italiano-MOI, dispostos por Oddone, Ré e Briante (1981), em que se deve partir da participação não-instrumentalizada, cognoscente, de trabalhadores no diagnóstico, na prevenção e na terapêutica dos ambientes de trabalho para se compreender as relações entre o processo de trabalho e a saúde e para se elaborar propostas de intervenção que se deem no âmbito de políticas públicas de assistência, vigilância e promoção em saúde. Para tal, faz-se necessário:

- a) conexão entre saberes e fazeres multidisciplinares, na aplicação de políticas e na participação da elaboração;
- b) sanitários, ergonomistas e prevencionistas-estratégicos que atuem nas organizações que compreendam os contextos sociais, culturais e econômicos dos indivíduos; e
- c) valorar o saber de trabalhadores e atuar com compromisso ético, indo além da aplicação de técnicas e saberes.

Não se trata, portanto, de estudar o trabalho em sua relação com a saúde, de modo a aprimorar a *performance* do trabalhador visando garantir a produtividade.

Deve-se sempre ter em mente a afirmação do médico sanitário italiano Luigi Devoto, fundador da *Clinica del Lavoro* ainda em 1910: “[...] porque doente é o trabalho e é ele quem deve ser curado para que as doenças dos trabalhadores sejam evitadas”.

■ ■ ■

Referências

- Antunes, R. *Verbete Trabalho e seus sentidos*. In: Mendes, R. (Org.). *Dicionário de Saúde e Segurança do Trabalhador: Conceitos–Definições–História–Cultura*. Novo Hamburgo/RS: Proteção Publicações. 2018. [p.1178-80]
- Bendassoli, P. *Psicologia e trabalho-apropriações e significados*. São Paulo: Cengage Learning. 2009.
- Chapadeiro, B. *Verbete Centralidade do Trabalho e Saúde Mental*. In: Schmidt, M.L.G. (orgs.) *Dicionário temático de saúde/doença mental no trabalho: principais conceitos e terminologias*. São Paulo: FiloCzar. 2020. [p.90-2].
- Oddone, I.; Ré, A.; Briante, G. *Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers un autre psychologie du travail*. Paris: Ed. Sociales. 1981.
- Sato, L.; Coutinho, M.C.; Bernardo, M.H. *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2017.
- Wood, E.M. *Democracia contra o capitalismo e a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2006.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.